

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA
PORTUGUESA - MODALIDADE A DISTÂNCIA

FABIANO GOMES DOS SANTOS

**GÊNEROS ORAIS COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO
NO APRENDIZADO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

MUNDO NOVO
2022

FABIANO GOMES DOS SANTOS

**GÊNEROS ORAIS COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO
NO APRENDIZADO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa -
Modalidade a Distância da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito para a obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Fernando Alves de Oliveira

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237g Santos, Fabiano Gomes dos.

Gêneros orais como instrumento didático no
aprendizado da variação linguística. / Fabiano Gomes
dos Santos. - João Pessoa, 2022.

22 f.

Orientador: Fernando Alves de Oliveira.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Variação linguística. 2. Ensino de língua
portuguesa. 3. Gêneros orais. I. Oliveira, Fernando
Alves de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81

FABIANO GOMES DOS SANTOS

**GÊNEROS ORAIS COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO
NO APRENDIZADO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – Modalidade a Distância da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras.

Data de aprovação: __/__/____

Banca examinadora

Prof. Dr. Valnikson Viana de Oliveira

Professora Me. Thalita Maria Lucindo Aureliano

Professora Me. Michaela Araújo Farias

RESUMO

A Língua Portuguesa no Brasil possui muitas variações linguísticas, sendo importante sua abordagem em sala de aula para desenvolvimento das habilidades linguísticas, sociais e cognitivas dos estudantes, especialmente no que se refere à questão da Oralidade. Desta maneira, esta pesquisa possui como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica sobre os gêneros orais como instrumento didático no aprendizado da variação linguística, tendo como objeto o Sociointeracionismo. A consulta para a seleção das fontes foi realizada em, pelo menos, 27 artigos publicados nos bancos do Scielo e Google Scholar entre os anos de 1990 a 2021, sendo as principais utilizadas efetivamente no trabalho Bueno e Abreu (2010), Dolz, Schneuwly e Haller (2004), Gorski e Coelho (2009), Ibiapina (2012), Marcuschi e Dionísio (2007) e Siqueira (2010). Após a realização dos estudos, conclui-se que os gêneros orais variam linguisticamente e que o trabalho com eles em sala de aula, principalmente no Ensino Médio, contribui para a preparação dos alunos para o mercado de trabalho e especialização de seus estudos (ensino superior).

Palavras-chave: Variação Linguística; Ensino de Língua Portuguesa; Gêneros Orais

ABSTRACT

The Portuguese language in Brazil has many linguistic variations, and its approach in the classroom is important for better understanding and communication of students, especially regarding the issue of Orality. In this way, this research aims to present a bibliographic review on oral genres as a didactic tool in the learning of linguistic variation having Sociointeractionism as its object. The consultation for the selection of sources was carried out in at least 27 articles published in the Scielo and Google Scholar databases between the years of 1990 to 2021, the main articles used in the work are Bueno and Abreu (2010), Dolz, Schneuwly and Haller (2004), Gorski and Coelho (2009), Ibiapina (2012), Marcuschi and Dionísio (2007) and Siqueira (2010). After carrying out the studies, it is concluded that the oral genres vary linguistically and, therefore, have evident didactic potential for the classroom, especially in High School, in which the students are preparing for the job market and specialization of their studies (higher education).

Keywords: Linguistic Variation; Portuguese Teaching; Oral Genres;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	9
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1 Sociointeracionismo - a língua como fato social.....	10
3.2 Variações Linguísticas	12
3.3 Variação linguística na Escola.....	15
3.4. Os gêneros orais como instrumento didático	16
3.5 Atividades de gêneros orais no ensino.....	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

As práticas sociais humanas são sempre medidas pela linguagem em suas diferentes manifestações: verbais, escritas, corporais, visuais, sonoras, dentre outras. Essas trocas propiciadas ou medidas pela linguagem permitem a criação e circulação de valores, conceitos, ideias que fundamentam as interações humanas e nos fazem sujeitos sociais em permanente comunicação.

Como fato extremamente importante da vida, a linguagem, em suas diversas manifestações, constitui objeto de conhecimento escolar, ou seja, para ser dominada com fluência, precisa ser aprendida. Falamos aqui não só da sua expressão formal, mas da multiplicidade de manifestações e, também, da sua enorme dinâmica e variedade – por exemplo, as variações linguísticas, que existem em diferentes grupos sociais ou culturais, isso considerando que a língua está em constante transformação. Essa realidade precisa ser abordada em sala de aula de acordo com as competências gerais estabelecidas na Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2016, p.9).

Segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), principal documento normativo da Educação brasileira – que define o conjunto de aprendizagens essenciais para todos os alunos na educação básica –, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, o foco deve ser a alfabetização para o crescente domínio da escrita e da leitura. No ensino fundamental 1 e médio, deve-se promover a consolidação e ampliação dessa aprendizagem. A área de Linguagens, formada por Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa, tem como finalidade “possibilitar aos estudantes participar de práticas diversificadas” (BRASIL, 2016, p.32), reconhecendo as dinâmicas das diferentes linguagens.

Portanto, alunos que cursam o Ensino Fundamental I, segundo a BNCC, devem desenvolver o uso de estruturas gramaticais e vocabulário já mais complexos do que no Ensino Infantil, ou seja, devem adquirir competências comunicativas (uso adequado e eficaz da linguagem em diversas situações sociais) e a compreensão da linguagem falada e escrita nas diferentes formas de expressão.

No Ensino Médio, a BNCC recomenda o reconhecimento da diversidade dos estudantes em termos de origens, interesses e projetos de vida. Como um período em que a pessoa adquire mais autonomia e capacidade de abstração, é importante estimular a integração e capacidade crítica para pensar a vida pública e a produção

cultural. A área de Linguagens deve propiciar, então, a consolidação e ampliação das habilidades e uso e reflexão sobre as linguagens (BRASIL, 2016), utilizando a linguagem escrita e as formas orais com mais fluência.

A Base nos indica, inclusive, bem como os outros documentos oficiais, que a Linguagem não só escrita, como a falada deve ser valorizada, assim a abordagem sobre a língua que trazem os documentos oficiais brasileiros está centrada não no “certo” e “errado” na perspectiva gramaticalista e da norma culta, mas sim que a língua aponta caminhos que são indistintos das estruturas sociais. Assim como diz Santos e Melo (2019):

Esses documentos têm o fito de não só formar professores, mas também alunos capazes de refletir sobre a língua em uso, apartando-se das práticas de preconceito linguístico e de um ensino centrado na Gramática Tradicional [...] Entendemos que a escola parece funcionar como uma instituição responsável por promover essas reflexões sobre a dinamicidade da língua, bem como fomentar atividades que possibilitem ao discente o contato com as variedades linguísticas, a fim de expandir sua competência comunicativa (SANTOS; MELO, 2019, p. 117).

A apropriação da Oralidade juntamente com outros processos de percepção, compreensão e representação (BRASIL, 2016) como signos matemáticos, a linguagem artística e científica constitui um dos grandes objetivos da aprendizagem que perpassa toda a instituição escolar.

A Oralidade, tal como definida por Marcuschi (2008, p. 25) constitui-se como uma “prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”. Como parte da língua, ela também deve ser considerada um objeto de conhecimento escolar, que tanto precisa ser entendida, como praticada.

Tanto na vida, como em sala de aula, professores e alunos fazem uso de diversos gêneros orais, como palestras, exposições orais, aulas dialogadas, dentre outros. Os alunos se envolvem em tarefas acadêmicas por meio da leitura, escrita, navegação da Internet, respostas verbais às perguntas do professor, audição de palestras do professor e apresentações dos estudantes, participação em discussões instrucionais em toda a classe e em grupo, memorização de texto, dentre outras.

Juntamente com o aprendizado da Oralidade – que implica saber comunicar-se com outro interlocutor por meio da fala – vem o aprendizado sobre as diversas maneiras de falar, de expressar-se e suas implicações e hierarquias sociais. Essas

variantes são parte da vida social. A chamada “variação linguística” pode ser entendida como um conjunto de diferentes “variantes” que exprimem o mesmo significado (Marcuschi, 2008). Ou seja, podemos dizer a mesma coisa, mas de diferentes maneiras.

Neste contexto, esta pesquisa busca responder à pergunta: como os gêneros orais podem se tornar instrumento didático no aprendizado da variação linguística, tendo como pano de fundo a teoria Sociointeracionista? Deste modo, o trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão bibliográfica sobre os gêneros orais como instrumento didático no aprendizado da variação linguística, tendo como objeto o Sociointeracionismo. A consulta para a seleção das fontes foi realizada em, pelo menos, 27 artigos publicados nos bancos do Scielo e Google Scholar entre os anos de 1990 a 2021, sendo as principais, utilizadas, efetivamente, no trabalho Bueno e Abreu (2010), Dolz, Schenewly e Haller (2004), Gorski e Coelho (2009), Ibiapina (2012), Marcuschi e Dionísio (2007) e Siqueira (2010).

Busca-se, com esta pesquisa, contribuir para o campo científico com o aprofundamento da temática abordada, especialmente no que toca os estudos de variação linguística. Também pretende-se ampliar os conhecimentos sobre as possibilidades de ensino da Língua Portuguesa no campo da Oralidade em sala de aula.

Desta forma, essa temática neste trabalho, que está dividida na seguinte estrutura: (1) Introdução - contextualização do tema, objetivo geral, objetivo específico, justificativa (2) Metodologia - passo a passo metodológico da pesquisa, (3) Referencial teórico - aborda as questões pertinentes ao gênero oral, às principais questões sobre Sociointeracionismo e à questão sobre a variação linguística no ensino de língua portuguesa; (4) Considerações Finais.

2 METODOLOGIA

Nossa revisão bibliográfica foi baseada em consultas a cerca de 27 livros, revistas, manuais, tratados e artigos publicados na internet, dentre os anos de 1990 e 2021. Para a pesquisa foram utilizadas as palavras-chave: “Variação linguística”; “Gêneros orais” e “Sociointeracionismo” que foram analisadas em conjunto.

Adotamos o modelo de leitura seletiva, na perspectiva de Gil (2014), a qual consiste em uma análise com uma maior profundidade, buscando o material consistente para o trabalho. Por fim, foi realizado o registro das informações extraídas das fontes, sendo especificadas no trabalho, com nome e ano de publicação (LAKATOS; MARCONI, 2011). Nesta última etapa, ordenamos e resumiamos as informações pesquisadas.

Neste processo, tentamos obter a resposta do problema de pesquisa supramencionado: como os gêneros orais podem se tornar instrumento didático no aprendizado da variação linguística, tendo como pano de fundo a teoria Sociointeracionista?

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Sociointeracionismo - a língua como fato social

A abordagem Sociointeracionista (teoria sociocultural) combina ideias da Sociologia e da Biologia para explicar como a linguagem é desenvolvida. De acordo com essa teoria, as crianças aprendem a linguagem a partir do desejo de se comunicar com o mundo ao seu redor (SIQUEIRA, 2010). A linguagem emerge e depende da interação social. Passa a valer o destacado por Ramos (1997, p. 18):

O resultado da produção linguística, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita, será artificial, isto é, não chegará a ser de fato um texto se (a) se falar/escrever sem ter em mente um interlocutor definido e (b) faltar uma razão de ser do próprio texto, isto é, quando falar/escrever não for relevante para o autor/recebido.

Se a habilidade de linguagem se desenvolve a partir de um desejo de se comunicar, então a linguagem depende do alvo com quem se quer comunicar. Isso significa que o ambiente em que o indivíduo cresce afetará fortemente o quão bem e a rapidez com que ele aprende a linguagem. Dessa forma, entende-se que "mais do que um comportamento individual, ela é atividade conjunta e trabalho coletivo" (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 14).

Uma criança desenvolve a linguagem através de influências ambientais e dos pais que proporcionam ambientes mais ou menos ricos em estímulos. Isso significa

que os pais que prestam atenção à linguagem de seus filhos expandem os enunciados deles.

Segundo Peixoto (2008, p. 564), a forma como se entende o que é a língua e a linguagem é determinante para se pensar como ensinar esta língua em contexto escolar. Neste sentido, vale destacar o posicionamento teórico de que a língua é um fato social (teoria Sociointeracionista).

Todavia, a interação verbal ocorre entre dois falantes que, constantemente, fazem escolhas em sua formulação para atuar sobre o interlocutor. Essas escolhas estão vinculadas aos modos de organização e questionamento da experiência de cada um, o que lhes permitirá considerar seu propósito:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação, monológica, isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das suas enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental na língua (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Para Farias (2009), é no Sociointeracionismo que há base para o ensino de gêneros em sala de aula, incluindo aspectos como a diversidade textual e diversificação dos gêneros. O que é confirmado por Marcuschi e Dionísio (2007, p. 40) que defendem o Sociointeracionismo como “uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal nos mais variados contextos de uso”. Muito brevemente, identificam-se três postulados básicos que formam o coração da abordagem Sociointeracionista, com base em Siqueira (2010):

- o papel constitutivo da interação para o desenvolvimento da linguagem;
- a sensibilidade contextual das competências linguísticas, como a de elaboração, que dependem das condições discursivas e Sociointeracionais em que são mobilizadas; daí a eficácia variável dessas condições e a própria variabilidade das habilidades;
- a natureza situada e recíproca da atividade discursiva (e cognitiva). O discurso não pode ser reduzido a uma produção individual baseada em um fundo de habilidades e saberes; é uma coatividade contínua, situada em cursos de ação co-construídos pelos interlocutores no pano de fundo de sua experiência comunicativa e de suas interpretações do mundo.

Dessa forma, entende-se que, no Sociointeracionismo, a linguagem pode ser considerada uma forma de relação social, uma vez que envolve o locutor que fala/escreve, o sujeito que ouve/lê, o meio cultural, o ambiente inserido e a recepção dos textos.

Também para Peixoto (2008), ao entender a língua como um fato social, abre-se as portas para a valorização das diversas variações linguísticas e a incorporação da língua falada nas aulas de Gramática, levando em conta de que maneira os alunos desenvolveram o seu conhecimento linguístico. Assim, defende-se que o maior objetivo do ensino da uma língua não seria só a aquisição da norma culta, mas a de formar cidadãos aptos “às diversas situações linguísticas próprias de uma vida em sociedade” (PEIXOTO, 2008, p. 564).

3.2 Variações Linguísticas

A variação linguística é o conjunto de alternativas para expressar o mesmo significado no domínio das formas de linguagem (GÖRSKI; COELHO, 2009). Ou seja, falantes diferentes, ou até mesmo o próprio falante, em momentos diferentes, usam formas distintas para expressar o mesmo conceito ou têm pronúncias diferentes para determinada palavra (GÖRSKI; COELHO, 2009).

Por exemplo, se uma pessoa se dirige a uma autoridade ou a um desconhecido, usa formas e palavras diferentes para expressar o mesmo sentido do que se estivesse a falar com um amigo íntimo. Nesse contexto, o elemento que possui expressões diferentes é uma variável sociolinguística. Cada uma das formas alternativas de uma variável é chamada de variante.

Em sala de aula, este contexto não é diferente. Professores e alunos usam a linguagem falada e escrita, na perspectiva da variação linguística, para se comunicarem uns com os outros; para apresentarem tarefas; envolverem-se em processos de aprendizagem; apresentarem conteúdo acadêmico; avaliarem a aprendizagem e construir as dinâmicas comunicativas em sala de aula.

Essas variações podem ser de nível fonético, morfológico, sintático e ter em conta outros condicionantes. Esta variação, que anda de mãos dadas com a Oralidade, também deve ser um sistema que os falantes da língua devem perceber, consolidar, colocar em uso e analisar criticamente. A maneira como se fala indica a

proximidade social com o interlocutor, a idade e uma série de outras características que participam, igualmente, da definição de língua como a norma culta.

Existem quatro tipos principais de variação: variação fonético-fonológica, variação sintática, variação lexical e variação no discurso (IBIAPINA, 2012). A variação fonético-fonológica foi a primeira a ser analisada por William Labov, que usou uma metodologia aplicando o estudo de cinco variáveis fonológicas em Nova York, e isso foi reproduzido mais tarde por outros pesquisadores. Por sua vez, Bailey insiste na simplicidade do conceito variante de Labov (VALADARES, 2015). Um exemplo das pesquisas de Labov foram os estudos realizados em alguns dialetos ingleses nos quais foi analisada a variação de (r) ao final de uma sílaba, nos quais uma diferença importante não foi levada em consideração: se (r) influencia ou não na vogal silábica. Isso causa uma perda de informação no nível linguístico. Vários autores chegaram à conclusão de que a posição inicial da palavra é mais importante que a posterior. Em relação aos fatores sociais, faz-se a hipótese de que a variante tensa (imitação do som correto) é mais frequente quanto maior o nível sociocultural (MARQUARDT, 2015).

A variação sintática, de acordo com Silva-Corvalán (1994, p. 98), não é análoga à fonológica por menos frequente que a variação fonológica nas línguas. Além disso, a escassa frequência com que se pode contar em um contexto de ocorrência e a dificuldade de obter exemplos do uso de uma e outra variante, tornam a sintaxe mais difícil de medir ou quantificar. Assim, os contextos de ocorrência são mais difíceis de identificar ou definir e as possíveis diferenças de significado entre variantes são um problema na variação sintática. A variação sintática geralmente não é estilisticamente ou socialmente estratificada, é determinada por fatores completamente linguísticos.

Existem vários tipos de variáveis que também estão incluídas neste grupo, como o “morfológico” que é aquele que afeta a morfologia, especialmente a gramatical, cuja variação geralmente não envolve os níveis pragmático e sintático (SANTOS SOBRINHA; MESQUITA FILHO, 2011). O “categórico” é aquele que às vezes afeta os elementos morfológicos e, quase sempre, os elementos sintáticos, cuja variação geralmente envolve os níveis semântico e pragmático. Já o tipo “funcional” é aquele que influencia a sintaxe e, parcialmente, a morfologia. Estes tipos não são geralmente relacionados a outros fatores semânticos, costumam ser determinados por fatores geográficos, sociolinguísticos, históricos e estilísticos (IBIAPINA, 2012).

O estudo da variação lexical enfrenta problemas similares ao da sintática. Entre eles, destaca-se o estabelecimento de equivalências entre variantes, o que remete à antiga discussão sobre a existência ou não de sinonímia. As unidades lexicais podem ser semanticamente neutralizadas, mas vários autores acreditam ser complicado provar que duas ou mais variantes são equivalentes. Tal dificuldade amplia o uso de uma determinada forma é influenciado por conotações, impressões próprias, usos comunicativos, isto é, quando o emissor aplica seus critérios de seleção lexical que podem passar despercebidos pelos ouvintes (SANTANA; NEVES, 2015). O estudo da variação lexical procura explicar a alternância no uso de formas lexicais em certas condições linguísticas e extralinguísticas.

Em relação à variação no discurso, é difícil estabelecer os limites com a variação lexical ou morfológica. As mudanças de referente, deslocamento ou ênfase são algumas variáveis discursivas (GÖRSKI; COELHO, 2009). Neste sentido, as variações linguísticas e a Oralidade ocupam um papel fundamental no ensino da língua, estas reconhecidas como formas igualmente legítimas de produção de significado.

O que nos ensina a sociolinguística é que as variações se adequam ao contexto comunicativo em questão e é também papel da escola ensinar a adequação entre as variações e o contexto, tendo em conta que, se a comunicação é produzida em um contexto social, ela é também informada pelos valores daquela determinada cultura.

Assim, algumas maneiras de expressar-se ganham um status de maior ou menor prestígio social, consideradas mais legítimas ou mais corretas. Geralmente, elas estão mais próximas do registro da norma culta que, na sociedade brasileira, está muito ligado às classes dominantes e àquelas pessoas que detêm um capital cultural que as facilita o aprendizado e uso da norma culta desde a infância.

Mas não só as variantes ligadas ao capital cultural têm mais prestígio, como também variantes ligadas a cidades ou regiões do país mais desenvolvidas – o sotaque dos moradores da cidade parece ser mais próximo da norma culta do que o sotaque dos moradores do campo, por exemplo.

Ao categorizar entre melhores e piores variantes, temos o fenômeno do preconceito linguístico, que nada mais é do que um juízo de valor ligado à reprodução de diversos status de dominação na sociedade. Aqui, o estudo das variações linguísticas é fundamental, como forma de desmontar este preconceito e colocar no

centro a maleabilidade da língua e da legitimação de todas as formas de expressão da linguagem.

3.3 Variação linguística na Escola

O ensino da língua materna, em geral, dá-se de modo a preparar o aluno a ser cidadão, isto é, que seja competente no uso da Língua Portuguesa em todas as suas variantes e, com isso, saiba transitar pelos vários âmbitos sociais (VALADARES, 2015).

O uso da linguística no ensino apresenta uma oportunidade única para aumentar a conscientização dos alunos sobre a diversidade e multiculturalismo como os alunos abordam estas questões através de diversidade linguística. Isso é especialmente relevante na perspectiva da Sociolinguística que mostra como e por que diferentes grupos sociais falam línguas e dialetos diferentes, e como os falantes transmitem as relações sociais e as identidades sociais pela maneira como falam (DEUS, 2018).

Nesse sentido, é possível perceber que, tal como a desigualdade social, a diversidade linguística não tem sido amplamente contemplada pelo sistema de ensino, pois nem sempre propõe uma educação que reconheça as diferenças e influências na língua, assim como rege a Sociolinguística. Ela leva em conta o ensino voltado para o respeito às experiências dos alunos, bem como às diferenças socioculturais e às variedades linguísticas. Dessa forma, cabe à escola promover o combate ao preconceito linguístico e, conseqüentemente, ao processo de exclusão que surge a partir dele (OLIVEIRA, 2011). Bortoni-Ricardo (2004) reconhece isso afirmando que:

[...] Estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem prestígios a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros. Mas sabemos que esse preconceito é perverso, não têm fundamentos científicos e tem de ser seriamente combatido, começando na escola. [...] Lembrem-se de que a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34-35).

A autora lembra, ainda, que não se deve justificar o ensino da língua materna através do erro gramatical, pois, dessa maneira, desconsideram-se as características linguísticas de cada falante, sua língua materna e, principalmente, sua identidade

(BORTONI-RICARDO, 2005). Assim, tendo em vista a diversidade cultural do Brasil, é importante que o ensino da Língua Portuguesa oportunize aos educandos compreender o fenômeno chamado de variação linguística, respeitando a forma que cada indivíduo tem de se expressar estando ele dentro ou fora do ambiente escolar. Uma vez que, em diferentes regiões de um mesmo país, a língua falada ganha características singulares, evidenciando e enaltecendo, dessa forma, os valores culturais, as diferenças sociais e o regionalismo (MOURA, 2011).

3.4. Os gêneros orais como instrumento didático

Podemos entender os gêneros orais como modalidades de comunicação organizadas a partir da Oralidade, ou seja, da fala. Segundo Dolz, Schneuwly e Haller (2004), eles podem ser divididos, basicamente, em duas categorias: a primeira é o oral espontâneo, que é aquele tipo de comunicação improvisada, em uma situação de comunicação qualquer, como um diálogo, um encontro com um amigo ou uma comunicação ao telefone, por exemplo. A segunda categoria são as produções orais com base em textos escritos, ou seja, produções orais que tiveram por base uma palavra escrita (lida ou recitada). Nesse caso, muitas vezes, elimina-se o imprevisto e passa-se ao planejamento: é o caso de palestras, da contação de histórias, recitação de poesias, dentre outras ações comunicativas.

Os gêneros orais nem sempre foram usados como objetos de ensino. Por muito tempo, o ensino centrou-se na linguagem escrita e no alcance da grafia correta da norma-padrão. Aos alunos, cabia dominar os gêneros escritos, muitas vezes, relacionados às percepções da fala (BUENO; ABREU, 2010).

Contudo, segundo Dolz, Schneuwly e Haller (2004), a linguagem oral é bastante comum nas salas de aula, seja na correção de exercícios ou no processo de leitura, mas nem sempre é ensinada, a não ser que ocorra acidentalmente, durante uma variedade de atividades pouco controladas. Ainda de acordo com os autores (2004, p. 160):

[...] a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isso é convencionalmente

reconhecido como significantes ou sinais de uma atitude. É assim que mímicas faciais, posturas, olhares, a gestualidade do corpo ao longo da interação comunicativa vem confirmar ou invalidar a codificação linguística e/ou prosódica e mesmo, às vezes, substituí-la.

Portanto, atualmente, os gêneros orais são pouco explorados itens de ensino; às vezes, apenas como aquecimento para a introdução de temas gramaticais, por exemplo, das variantes linguísticas, quando se usam registros orais para mostrar as diversidades de fala regionais (TEIXEIRA, 2012).

Com o advento das teorias sociocomunicativas, a exemplo do Sociointeracionismo (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007; BAKHTIN, 1997) e da ampliação do conhecimento sobre a valorização da Oralidade e das produções textuais sociais, o ensino de Língua Portuguesa começa a considerar a fala como parte de seu arcabouço das relações de ensino e aprendizagem.

Logo, partindo desta necessidade, estudos passaram a ser desenvolvidos com a finalidade de mudar esta questão. Schneuwly e Dolz (2004, p. 7) afirmam que há anos se discute a necessidade de se estudar textos em sala de aula como um material “concreto, sobre o qual se exerce o conjunto de domínios de aprendizagem, sobretudo, leitura e produção de textos”.

O processo de ensino, no entanto, não é tão simples por vários motivos, como a própria desinformação sobre o valor da Oralidade, a deficiência de alguns materiais didáticos e algumas dificuldades em planejar, executar e avaliar aulas centradas na Oralidade (SANTOS SOBRINHA; MESQUITA FILHO, 2011). Também é importante considerar que há uma tradição em pensar o ensino da língua voltado para a escrita.

Nesse contexto, a Oralidade deve fazer parte do arcabouço de estratégias para o ensino e a prática da língua materna e deve preparar o aluno para posicionar-se de forma crítica nas diferentes situações sociais. Isto faz da Oralidade não um subgênero da língua, e sim uma linguagem específica que precisa ser, academicamente, mais valorizada (SANTOS SOBRINHA; MESQUITA FILHO, 2011):

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma postura (MARCUSCHI, 1997, p. 39).

Deste modo, é possível elencar diversas possibilidades e potencialidades para o ensino dos gêneros orais na escola. A seguir, trataremos de alguns deles.

3.5 Atividades de gêneros orais no ensino

Existem diferentes formas de escolarização dos gêneros orais, segundo Teixeira, (2012), a prática de gêneros orais extracurriculares (por exemplo, o concurso de eloquência), o exercício de gêneros profissionais orientados para a formação específica (por exemplo, a realização de entrevistas), a formalização didática das diferentes dimensões do público gêneros orais (por exemplo, a apresentação e o debate), o trabalho sobre as especificidades dos gêneros disciplinares escolares (por exemplo, o debate literário interpretativo), as abordagens para a constituição de formatos de interações com critérios genéricos (por exemplo, leitura de descoberta em Jardim da infância).

Esses gêneros escolares podem estar intimamente relacionados aos gêneros extracurriculares. Constituem, então, um ponto de referência dos quais os falantes provavelmente têm conhecimento e que podem ser analisados como configurações reconhecidas e estabilizadas. Esses gêneros precisam passar por transformações para serem transpostos para a escola (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006).

Para atingir o objetivo de uma compreensão ativa, o uso efetivo dos textos orais produzidos e gravados pelos próprios alunos é uma proposta válida, sendo possível propor atividades de identificação de tópicos e subtópicos, relacionando-os, posteriormente, à elaboração de textos escritos, para observar como se estruturam os parágrafos e como são usados os conectores (BUENO; ABREU, 2010). Merece destaque o suporte do Podcast, que reúne produção de roteiro escrito, a possibilidade de trabalhar diversos gêneros orais e também a possibilidade de autoavaliação e apreciação por interlocutores.

Além disso, é possível identificar marcas de Oralidade em textos jornalísticos, percebendo os efeitos de sentido, e em Crônicas, para caracterizar a construção dos personagens. Comparar textos escritos e orais produzidos pela mesma pessoa e dois textos orais produzidos por indivíduos diferentes, em situações distintas de comunicação, também são possibilidades para um efetivo trabalho com a compreensão e produção textual (TEIXEIRA, 2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os gêneros orais são ricamente variáveis linguisticamente e são muito importantes para o estabelecimento da comunicação. Do ponto de vista do Sociointeracionismo, a língua aprendida não pode ser só a textual, a linguagem oral e seus gêneros devem ser também objeto de conhecimento na escola, bem como a análise crítica sobre as suas diferentes formas de reprodução, que podem levar a fenômenos como o preconceito linguístico. Os gêneros orais como instrumento didático irão agregar conhecimento aos alunos sobre a modalidade em questão, sua linguagem, bem como conhecer suas variações.

Embora o presente estudo não esgote o tema abordado, pode abrir caminho para que se explore o potencial desta modalidade. Por exemplo, seria muito importante a realização de estudos de caso em sala de aula com a utilização de gêneros textuais como instrumento didático e o quanto podem contribuir para o conhecimento das variações linguísticas da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. A. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: sociolinguística em sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL, SEB/MEC. **Base nacional comum curricular**. Proposta Preliminar. Segunda Versão. Brasília, DF, SEB/MEC, 2016.

BUENO, Luzia; ABREU, Cláudia de Jesus. Gêneros orais na universidade: relato de uma experiência com o seminário. **Synergies Brésil**, n. 8, p. 119-125, 2010.

DEUS, Regiene Arcanjo. **Variação linguística na sala de aula**. Web Revista **SOCIODIALETO**, v. 8, n. 23 SER. 3, p. 232-244, 2018.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino? In: SCHNEUWLY B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

FARIAS, Luana Francisleyde Pessoa de. **Os gêneros orais: uma alternativa sócio-interacionista para o ensino de língua materna**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.

IBIAPINA, Darkyana Francisca. **Variação linguística em sala de aula de língua portuguesa: uma abordagem etnográfica**. Anais do SIELP, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, n. 3, p. 547-568, 2006.

MARCUSCHI, Luiz A. A Oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º. e 2º. Graus: uma visão crítica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 30, p. 39-79, 1997.

MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização 9. ed. São Paulo: Cortêz. 2008.

MARCUSCHI, Luiz A.; DIONISIO, Angela P. Apresentação. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARQUARDT, V. C. Variação linguística e o ensino da língua portuguesa: dilemas e caminhos. **Travessias**, v. 9, n. 1, 2015.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA, José Sérgio A. de. O ensino da variação linguística em sala de aula. In VI ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM ALAGOAS. **Anais**, Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2011.

OLIVEIRA, Juliana Cristina Nunes de. Variações linguísticas em sala de aula. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, Ano v, n. x, p.10-29, 2011.

PEIXOTO, Rafaela Araújo Jordão R. Gêneros orais: uma nova proposta de abordagem do ensino. **Eutomia Revista Online de Literatura e Linguística**. v.1, n.1, p.562-573, 2008.

PIETRO, Jean-François de. O modelo didático do gênero: um conceito da engenharia didática. **MOARA - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 2, n. 26, p. 15-53, 2016.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da Oralidade em sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTANA, Jessé; NEVES, Maria. **As variações linguísticas e suas implicações na prática docente**. Millenium, n. 48, p. 75-93, 2015.

SANTOS, Aymmé Silveira; MELO, Raniere Marques de. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.9, n.3, p.115-132, set-dez/2019.

SANTOS SOBRINHA, Cecília Souza; MESQUITA FILHO, Odilon Pinto de. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula? **Anagrama**, v. 4, n. 4, p. 1-10, 2011.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Gláís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA CORVALÁN, Carmen. **Language Contact and change**: Spanish in Los Angeles. Oxford: Clarendon, 1994.

SIQUEIRA, Paulo Marcos Lopes de. **Os métodos da alfabetização**: construtivismo, tradicional ou sócio-interacionismo?. Monografia (Pós Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior), Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

TEIXEIRA, Lucia. Gêneros orais na escola. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 7, p. 240-252, 2012.

VALADARES, Flávio Biasutti. Gramática e escola: considerações sobre variação linguística e ensino de língua portuguesa. **Domínios de Lingu@gem**, v. 4, n. 2, p.33-48, 2015.